

TRATAMENTO DA LAMINITE EM EQUINOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

MATTOS, T. N. S.[1]; SANTOS, M. [1]; FONSECA, L. G. O.[1]; SILVA, M. S. E. X. da.[1]; BERNARDI, T. G.[1]; BAGGIO, M.[1]; BENVENÚ, D. M.[2]; DALLO, B. F.[2].

A laminite se destaca por sua gravidade e desafio terapêutico, sendo uma das doenças mais comuns e desafiadoras na clínica. Trata-se de uma inflamação das lâminas do casco, responsáveis por unir a falange distal à parede do casco. A doença compromete a integridade dessa união, gerando dor intensa, claudicação e, nos casos severos, rotação ou afundamento da falange distal. Animais acometidos podem apresentar relutância em se movimentar, decúbito esternal ou lateral, devido ao quadro de debilitação. O manejo nutricional adequado, a manutenção correta dos cascos e a permanência em ambiente limpo e seco são fundamentais para prevenir a doença, que apresenta alto índice de reincidência e evolução prolongada. O prognóstico depende diretamente da rapidez no diagnóstico e início do tratamento, sendo a preservação da mobilidade essencial para evitar danos estruturais irreversíveis. A presente revisão analisou artigos publicados nos últimos dez anos, utilizando os descritores “Equinos”, “Afecções podais”, “Aguamento” e “Pododermatite Séptica”, em bases como Google Acadêmico e Scielo. Os estudos selecionados embasaram a discussão sobre as formas terapêuticas. Ressalta-se que o tratamento convencional não deve ser substituído, mas associado a terapias complementares, visando reduzir o uso excessivo de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) e a resistência a medicamentos. Entre as medidas complementares, a crioterapia é altamente eficaz na fase aguda, pois inibe a atividade das proteases que iniciam o processo de degradação das lâminas, reduzindo a ativação enzimática e preservando as mesmas. A fluidoterapia é utilizada para estabilização do paciente, quando necessário,

[1] Tainara Natalia dos Santos Mattos. Acadêmica de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. tainaramattos2612@gmail.com.

[1] Mariana Santos. Acadêmica de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. marian.santos@estudante.uffs.edu.br.

[1] Luiz Gustavo Oliveira da Fonseca. Acadêmico de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. luiz.daonseca@estudante.uffs.edu.br.

[1] Maxweel Sabino Rebouças Ximendes da Silva. Acadêmico de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. maxwellsabino19@gmail.com.

[1] Thaylon Gabriel Bernardi. Acadêmico de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. thaylongabriel035@gmail.com.

[1] Milenna Baggio. Acadêmica de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. milenna.baggio@estudante.uffs.edu.br.

[2] Dalila Moter Benvegnú. Docente do Curso de Medicina Veterinária e Programa de Pós-graduação em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável na Fronteira Sul (PPG-SBPAS). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza. dalila.benvegnu@uffs.edu.br.

[4] Bianca de Fatima Dallo. Médica Veterinária pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza/PR. Mestranda em Veterinária na Universidade Federal de Pelotas-RS. biancadallo@ufpr.br.

corrigindo desequilíbrios eletrolíticos, enquanto terapias ortobiológicas, como plasma rico em plaquetas e células-tronco mesenquimais, favorecem a vascularização e a regeneração tecidual. A associação com AINEs permanece indispensável, a Fenilbutazona (2,2 -4,4 mg/kg, intravenosa ou oral, a cada 12 horas), Flunixin Meglumine (0,5 a 1,1 mg/kg, duas vezes ao dia, IV) é indicado para endotoxemia e o Meloxicam, ambos atuando na inflamação, edema e dor. Já o DMSO (dimetilsulfóxido), com efeito antioxidante, é administrado na dose de 0,1 a 1,0 g/kg IV, diluído em fluido poliônico com dextrose (10 a 20%), a cada 8 ou 12 horas. Além disso, intervenções biomecânicas, como casqueamento é indispensável, associado a ferraduras terapêuticas quando indicado, auxiliam na redistribuição do peso e na redução da pressão sobre áreas lesionadas. O tratamento da laminite deve ser entendido como uma abordagem integrada, unindo medidas tradicionais e complementares para o controle da dor e da inflamação, buscando restaurar a funcionalidade do casco, preservar a mobilidade e promover qualidade de vida e bem-estar aos equinos acometidos.

Palavras-chave: Equinos, Afecções podais; Aguamento; Pododermatite Séptica.

Área do Conhecimento: 1.1.5 Ciências Agrárias

Origem: Pesquisa

Instituição Financiadora/Agradecimentos: Fundação Araucária.

[1] Tainara Natalia dos Santos Mattos. Acadêmica de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. tainaramattos2612@gmail.com.

[1] Mariana Santos. Acadêmica de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. marian.santos@estudante.uffs.edu.br.

[1] Luiz Gustavo Oliveira da Fonseca. Acadêmico de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. luiz.daonseca@estudante.uffs.edu.br.

[1] Maxweel Sabino Rebouças Ximendes da Silva. Acadêmico de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. maxwellsabino19@gmail.com.

[1] Thaylon Gabriel Bernardi. Acadêmico de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. thaylongabriel035@gmail.com

[1] Milenna Baggio. Acadêmica de Medicina Veterinária. Universidade Federal da Fronteira Sul campus Realeza. milenna.baggio@estudante.uffs.edu.br.

[2] Dalila Moter Benvegnú. Docente do Curso de Medicina Veterinária e Programa de Pós-graduação em Saúde, Bem-estar e Produção Animal Sustentável na Fronteira Sul (PPG-SBPAS). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza. dalila.benvegnu@uffs.edu.br.

[4] Bianca de Fatima Dallo. Médica Veterinária pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza/PR. Mestranda em Veterinária na Universidade Federal de Pelotas-RS. biancadallo@ufpr.br.